

Pe. Pedro Celestino

Pe. Raimundo Dilermando Afonso
Paróquia São João Bosco
São João Del Rei - MG



Pe. Pedro Celestino, sdb

*Ó Pedro tão fino, tão magro,
Que, olhando pro Alto, andaste
Teu passo tão firme, tão agro;
Teu Celeste hino entoaste!*

- 84 anos e sete meses, nascido em 02 de maio de 1926. Aos 17 anos, entra no aspirantado em S. João Del-Rei. Noviciado em 1950, vestidura no dia 19 de março. Primeira profissão em 31 de janeiro de 1951, em Pindamonhangaba. Ordenado em 08 de dezembro de 1960.
- Pe. Pedro era um anjo! (Rosângela Aparecida Viegas – Técnica em enfermagem).
- Pe. Pedro era uma pessoa muito santa, humilde e caridosa. (Ádano Islei Pinheiro – Salesiano tirocinante).
- Modelo de presença salesiana. (Zucimara Alves – Educadora de pátio).
- Exemplo de vida e bondade... Muito carismático e carinhoso... (Geovani Gléber Quirino – enfermeiro).
- Um exemplo de alegria e solidariedade. (Silézia e Ana Paula – Educadoras do Centro Juvenil).

TABOR

“Para o salesiano, a morte é iluminada pela esperança de entrar na alegria do seu Senhor. E quando acontece que um salesiano sucumbe trabalhando pelas almas, a Congregação alcançou uma grande vitória.

A lembrança dos irmãos falecidos une na ‘caridade que não passa’ os que ainda são peregrinos aos que já repousam em Cristo’. (C 54).

Os que ainda... Os que já!... Duas pontas de uma mesma realidade! O exemplo dos que já foram e já repousam em Cristo ilumina o caminho dos que ainda são peregrinos. “Aprendemos que as coisas celestes e divinas são já degustadas em nosso dia a dia”. Isto afirma o Pe. Nilson, referindo-se ao Pe. Pedro Celestino que nos deixou recentemente, partindo de nossa convivência aqui na terra.

São Francisco de Sales, o santo que soube amar as coisas do céu, palmilhando ainda seu rumo terrestre; com os pés aqui na terra, porém com o coração posto em Deus, nos ensina que, com amor, tudo se pode. Ele nos ensina a contemplar a formosura do rosto de Jesus transfigurado no Tabor. É bom ficar perto do seu divino rosto, naquele monte de glória. Para lá devemos dirigir nossos desejos e afetos. “Fazendo firmes propósitos de servir e amar fielmente a Divina Bondade” é estar no monte Tabor. O santo nos estimula à esperança e deseja que subamos, sem cansar, à visão celeste do Senhor; com os pés aqui, sem prender-se a este chão... “Afastemo-nos, pouco a pouco, dos afetos vis e terrenos, e aspiremos à felicidade que nos espera”. E continua nos falando da eternidade. Esta vida nos é dada somente para ganhar a eterna. Faltando esta consciência, fixamos os nossos apegos naquilo que é do mundo por onde passamos; e, quando chega o momento de deixá-lo, ficamos surpreendidos e assustados. Para vivermos felizes nesta romaria, temos que ter presente diante dos olhos a esperança da chegada à nossa pátria onde permaneceremos para sempre.

Temos de crer firmemente que Deus – isto é verdade – nos chama a si, enquanto observa como nos encaminhamos rumo a Ele, sem que deixe jamais acontecer alguma coisa que não seja para o nosso bem maior. Pe. Pedro Celestino soube viver tão bem este ensinamento do santo: viveu feliz a sua romaria, sempre de olho na Pátria, o ponto de chegada.

Viver o Tabor é a aventura divina aqui na terra. O Pe. Pedro viveu este tabor terreno, esta aventura divina; tabor terreno é a escuta; é ter diante dos olhos; a obediência: só a Jesus, Palavra do Pai; é o clímax da revelação no monte da transfiguração; “ESCUTAI-O”. O caminho é escutar. O tabor se faz ouvindo. Abre-se o caminho, e se obtém a força para a caminhada até Jerusalém. Ouvindo a Jesus, ouve-se o Pai; chegando-se a Jesus, chega-se ao Pai. A experiência do tabor, no Pe. Pedro Celestino nos pareceu tão convincente, tão profunda. Muito feliz a expressão do Pe. Inspetor, quando disse que Pe. Pedro deixou-nos o esplendor da experiência celeste. E ainda ocorre-nos uma felicíssima coincidência: seu homônimo, Pedro, o Simão, é quem rompe a estupefação: “Mestre, é bom estarmos aqui!” Depois, mais tarde, dirá que de fato não foi fábula inventada, mas, realmente, ele foi testemunha ocular e aproveita para incentivar-nos: “... palavra da profecia, que fazeis bem em ter diante dos olhos, como lâmpada que brilha em lugar escuro, até clarear o dia e levantar-se a estrela da manhã em vossos corações” (Lc 9,28-36 e 2Pd 1,16-19). Repito, o Pe. Pedro Celestino nos parece ter vivido tão bem esta experiência do Tabor. Era simplicidade, bondade e transparência, afirma o Pe. Inspetor.

A propósito, ocorre-me agora, parodiar Manuel Bandeira: IRENE NO CÉU

*Irene preta, Irene boa, Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu: - Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão: - Entra, Irene, você não precisa pedir licença.*

O PEDRO NO CÉU

Pedro fino Pedro magro Pedro sempre de bom humor. Imagino Pedro entrando no céu: - Licença, meu Pedrão! E São Pedro bonachão: - Entra xará, você não precisa pedir licença.

Era o dia 12 de novembro de 2010. Tantos irmãos se foram, neste ano... Agora, o Pe. Pedro. Sua partida assim foi anunciada pelo Pe. Inspetor: Partiu, na manhã do dia 12 passado, o nosso querido irmão e amigo, Pe. Pedro Celestino. Homem profundamente de Deus, porque profundamente deste mundo e do mundo servidor. O nome Pedro evoca a dura realidade terrestre porque significa pedra. Pedra, por natureza, dura e sólida. Na solidez da vida, Pe. Pedro fez jus a seu nome e se tornou Celestino, não só de nome, mas de fato. Pe. Pedro, ao partir de nossa convivência na terra, deixou-nos o esplendor da experiência celeste. Aprendemos dele que as coisas celestes e divinas são já degustadas em nosso dia a dia. Enfim, aprendemos que o Reino dos Céus se faz realidade na simplicidade, bondade e transparência de vida. Na pessoa do Pe. Pedro, víamos o que Jesus mesmo, um dia, viu e disse de Natanael: alguém em quem não havia falsidade ou simulação. Bendito seja Deus manifestado na bondade e dignidade de suas criaturas!

FURQUIM

Furquim, em 2 de maio de 1926, viu Pedro chegando, o quinto de seis: Francisco, Eleonor, Maria, Antônio, Pedro e João. Seu pai, Rodolfo, era português que viera ao Brasil para trabalhar na construção de estradas de ferro. Sua mãe, Maria Mathildes,

era natural de Furquim. Muita gente gostava de levar o Pe. Pedro em brincadeira, referindo-se a Furquim. Entretanto é bom que se saiba da importância histórica da terra natal do Pe. Pedro.

Distrito de Mariana, surgiu no desenho típico dos arraiais de mineração do século XVIII. Antônio Furquim da Luz descobriu as minas de ouro. Em 1704, ali foi consagrada a Capela do Bom Jesus do Monte. Em 1706, já era paróquia. Com Mariana, são as duas mais antigas paróquias de Minas Gerais. A matriz do Bom Jesus do Monte, na qual trabalhou o renomado construtor marianense, José Pereira Arouca, substituiu a capela primitiva, em 1745. Furquim já era Sesmaria, por causa do ouro, em 1711.

... "Na lista secreta dos homens mais abastados da Capitania, feita em 1746, e à qual nos temos referido mais de uma vez, constam, de Furquim, 19 nomes, dos quais 13 eram mineiros". (Dicionário Histórico Geográfico de M. Gerais).

DE PADEIRO A PADRE

O menino Pedro, com seu boné, frequentou a escola e a catequese em Furquim. Não se desgrudava do boné nem mesmo para entrar na igreja; isto irritava o pai. Quando ele bateu o pé: - "não vou tirar o boné", o pai retrucou: - "Ou tira ou apanha!"... Então, ele obediente, fez a vontade do pai.

Todos tinham que trabalhar para ajudar no sustento da casa. A Pedro coube a venda das quitandas. Saía com o balaio de pão, o menino padeiro, por ali afora... Paracatu, Pedras, Cachoeira do Brumado... Até na estação ferroviária, se via o menino com seu balaio e o seu boné. O balaio saía cheio, voltava vazio e às vezes... Cadê o dinheiro? Tinha ficado na caçapa... e com uma surra do Sr. Rodolfo. Ele gostava de um bilhar. Às vezes, o dinheiro do pão não vinha, por motivo filantrópico... Pessoas que não podiam pagar ou algum pobre que não tinha mesmo nada... e o menino do boné com seu balaio, sempre a repetir, quase cantando: "Pedro, padeiro, e, no futuro, padre!". Alimentando este sonho, inspirado no seu pároco, Pe. José Martins e ajudado por outro padre por cujo apoio e amizade alimentava eterna gratidão, o menino do boné e do balaio caiu na rede de Dom Bosco e o menino do balaio com seu boné, já então com dezessete anos, continuou padeiro na casa salesiana.

Um amigo mais velho, o Sr. Domingos, que o ensinara a fazer pão, convidou-o a ir para o seminário salesiano de São João Del-Rei. Foram os dois. Depois o Sr. Domingos voltou e Pedro ficou. O diretor do aspirantado era o Pe. Francisco Gonçalves.

CAMINHO DE PEDRA

Caminho de Pedro, caminho de pedra. Seu tempo de formação foi um caminho árduo. Os estudos eram puxados e se exigia muito dos candidatos ao sacerdócio. Pedro aprendia com dificuldade. Havia muito trabalho braçal, ensaios de teatro, de coral, de banda de música. O horário de estudo ficava apertado, para dar conta das disciplinas. Ao se dirigir para a aula, sabia com certeza que poderia ser chamado para uma arguição oral.

Descobriram que ele tinha sido padeiro. Era da divisão dos maiores. Foi convidado para trabalhar na padaria do colégio, aumentando ainda mais o aperto. Ele conseguiu superar as barreiras.

Partiu para o Noviciado em 1950. “Uma foto coletiva de sua turma tinha, no verso, a seguinte inscrição:” Lembrança do saudoso 19 de março de 1950, dia em que vesti-me de um novo hábito, hábito que me uniu novamente com Jesus e fez-me dar um adeus ao mundo. Viva a batina, o hábito talar, a veste de Jesus!... Pinda, 19.03.1950. Cl. Pedro Celestino. Noviço Salesiano”.

Estudante de filosofia encontrou maiores dificuldades. Foi enviado mais cedo para a assistência, em vista de suas dificuldades. Pe. Alcides Lanna, então Inspetor, o mandou para Jaciguá-ES. Nas férias, prestaria os exames dos tratados restantes. Durante quase quatro anos de assistência, via-se o clérigo Pedro estudando filosofia onde pudesse. Conseguiu fazer todos os exames e ser aprovado. Mais tarde, fez a revalidação, na Faculdade Dom Bosco e conseguiu ser diplomado.

Apreciava dar aulas de Latim, História, Geografia para os aspirantes. Acompanhava com zelo e carinho seus assistidos, sempre preocupado com os estudos deles, estando com eles no salão de estudo, no refeitório, no pátio, nos trabalhos. Por isto, era bem visto; os superiores perceberam nele um religioso mais amadurecido que os demais colegas assistentes. Chegou à Teologia como um vitorioso, humilde e desprentensioso, disposto a enfrentar o exame “De Universa” de Filosofia e os quatro anos de Teologia, que não foram fáceis, na convivência e na aprendizagem. Ao final do curso, prestou exame “De Universa” de Teologia.

PEDRO ALEGRE, SEMPRE ALEGRE

Como era o Pedro alegre, sempre alegre, nunca triste, não é preciso dizer que, ao chegar à Teologia, logo, logo granjeou a amizade dos colegas, dos superiores. Encarnava de fato um modo alegre e simples de viver. Personificava a simplicidade, a bondade, a transparência, a alegria. Era o “Natanael” amadurecido no seu coração. Ator exímio, ganhou a amizade do Pe. Breno, professor de Moral. Este o convidou para representar várias peças para os Cooperadores Salesianos. Talvez fosse por isto que, nas arguições de Moral, o professor se mostrasse mais benévolo com ele e esboçasse um sorriso maroto diante das respostas do preocupado aluno.

Pe. Pedro sempre foi de compleição franzina e de saúde relativa, ajudada pelos remédios e alimentação especial. Se engordava, era raro. Certa vez, ele dizia, na chegada para as férias de Cachoeira do Campo, que pesara e guardara o resultado. Na volta para São João Del-Rei, pesou descalço e o peso foi o mesmo da vinda. Concluiu então que engordara no peso de um par de sapatos. Pela sua magreza, alguém o apelidou carinhosamente de “La morte in vacanza”.

PEDRO ALEGRE, APÓSTOLO

Descobriram também que era um bom ator, cômico. A simples presença dele no palco já era motivo de muita gargalhada. Não conseguia decorar tudo e inventava. Numa das peças, o “soprador” falava mais alto e nada de o Pedro escutar. Ficava então repetindo: “Embaraço, embaraço!”. E o assistente, Antônio dos Santos, o ensaiador, dizia alto e nervoso: “Não inventa, não inventa, toca pra frente!” Na platéia a gargalhada era geral. Várias vezes fora convidado a representar nas operetas. Não era bom cantor nem pertencia à chamada “Schola Cantorum”. Era difícil aprender os cantos e mais ainda apresentá-los em público. Tudo, porém, contribuía para a alegria das festas.

Foi presidente da Companhia da Imaculada, sinal de liderança, de apostolado. Ele de fato era verdadeiro apóstolo. Convidava os colegas a rezar o terço nos recreios, nas

filas; a serem melhores no procedimento, nos estudos; a fazerem frequentes visitas ao Santíssimo; a evitarem as más companhias; a participarem dos brinquedos gerais, a não caírem em murmurações.

PEDRO PADRE

Tornou-se salesiano no dia 31 de janeiro de 1951. Tornou-se padre em 08 de dezembro de 1960. Sua ordenação foi no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, (Liceu). O bispo celebrante foi Dom Camilo Faresin. Um mês apenas faltava para celebrar seu jubileu de ouro. Partiu sem esperar a festa daqui. Foi celebrá-la na glória da comunhão eterna com o Pai.

A lembrança de sua ordenação assim dizia: - São Paulo, 08/12/1960. Primeira Missa Solene em Furquim: 2/01/1961. Lema: Vim para servir (Mt 20,28). Seguiu uma oração de súplica pelos familiares, parentes, amigos, benfeitores e terminava assim: a mim SANTIDADE E ZELO APOSTÓLICO NO SERVIÇO A DEUS.

Salesiano padre, ele se tornou o pai de muitos: crianças, jovens e adultos. Não havia quem dele se aproximasse e ficasse triste. Animava, contava causos dos bons e histórias agradabilíssimas. Era cômico e sério ao mesmo tempo, qualidades ímpares para quem nunca brincou com a vida e soube passar por ela fazendo o que o Mestre ensinou e fez: o BEM. Ser sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres é o caminho da santificação do salesiano. E quantos salesianos se santificaram neste caminho?!... O afeto de pai, de irmão, de amigo cria correspondência de amizade. É o império da bondade, do respeito, da paciência, indicado por Dom Bosco que no-lo ensina e dele nos dá o exemplo; é o caminho luminoso para a salvação, especialmente dos jovens. Pedro Celestino andou por aí. Seu rosto angelical, sempre com tímido e silencioso sorriso, despertava ternura e acolhida. Aqueles que conviveram com ele perceberam que sua delicadeza era de extrema beleza e tato. Não alterava a voz. Não levantava a mão. Não maldizia. Não reclamava. Somente amava. E amou intensamente. Amou profundamente.

Seu amor pelas crianças e jovens era manifesto constantemente, tanto foi assim, que se consumiu por eles. E mais; recentemente, desejava fazer um oratório ao estilo salesiano, na sua querida Furquim, sendo um dos últimos atos de sua dedicação a eles, na terra do Bom Jesus do Monte.

Furquim e Silvânia foram seus dois amores. Quando das Missões Juvenis Salesianas, em Silvânia, seu zelo pastoral aumentava. Consumia-se no apostolado e no amor a Deus às pessoas. Fazia de tudo para que todos os missionários se sentissem em casa e não lhes faltasse nada e que as comunidades fossem bem assistidas. Ele queria que cada comunidade, mesmo a mais remota, pudesse ser contemplada com a presença da Eucaristia; a reflexão e vivência da Palavra.

Foi um grande discípulo de Jesus, mas também filho de Maria, devoto da Mãe de Deus, a Auxiliadora de Dom Bosco. Sempre estava com o terço entre os dedos, quando não, em algum bolso de sua roupa.

Sacerdote zeloso, piedoso, apostólico, próximo de seus paroquianos, conhecido de todos. Por onde passou, deixou lembranças imorredouras de seus trabalhos e atividades apostólicas. Penetrava na vida de seu povo com tanta facilidade, com seu vocabulário, com seu bate-papo alegre, sabendo valorizar cada gesto, cada insinuação para o bem, a ponto de se tornar íntimo deles. Estando em Silvânia, foi transferido para Rocha Miranda. Sentiu bastante, mas obedeceu. Com saudade da antiga pa-

róquia, resolveu visitar os antigos paroquianos. Ao saberem de sua intenção, eles prepararam-lhe uma calorosa recepção. As ruas de Silvânia se engalanaram, houve até carreata e discursos... Outra vez alugaram um ônibus e quiseram fazer-lhe uma surpresa. Foram até Rocha Miranda, reuniram-se em segredo, numa sala e pediram que o chamassem. Imagine-se a emoção profunda dele.

Humilde e desprendido, vivia sem ligar muito para os bens materiais. Residente em Silvânia, veio um dia à Paróquia São João Bosco, em Goiânia. Apresentou-se à secretária, Celina. Desejava falar com o pároco, Pe. Marcos dos Prazeres. Ela não o conhecia. Viu aquele homem esguio, alto, trajando roupas muito simples, com um embornal a tiracolo, sandálias franciscanas. Correu a avisar ao Pe. Marcos, dizendo: "Olhe, aí fora está um homem pobre chamando pelo senhor!". Pe. Marcos, curioso, olhou para fora e reconheceu quem era o visitante. Deu uma sonora gargalhada e disse à equivocada secretária: "É o Pe. Pedro, Salesiano!" ... Só mesmo o Pe. Pedro Celestino!... Este "Pequeno-Grande Salesiano"!

Certamente que ao Pe. Pedro poder-se-ia aplicar as palavras de S. José Cafasso ao se referir ao modelo de sacerdote: - "Grande tesouro é para uma família, para uma cidade, um sacerdote que saiba amar, que viva e arda de caridade! Quanto bem se poderá esperar do exercício do seu ministério"

Com a licença dos superiores, trabalhou na diocese de Ipameri, por dois anos, com Dom Antônio Ribeiro de Oliveira. Foi na paróquia Bom Jesus de Casa Verde, em Corumbaíba. Ai suas marcas foram: bondade, caridade, simplicidade, serviço impecável. Depois, reentrou na Inspeção e continuou seu trabalho de sempre, sempre interessado em promover a glória de Deus e a salvação das almas.

Quando voltou para Silvânia, recebeu da Câmara Municipal, uma comunicação de regozijo pela sua volta. Eis o texto da proposição n. 2.373 da autoria do deputado Ronildo Naves, aprovada na sessão do dia 12 de abril de 1999.

"Ronildo Naves, deputado estadual, (...) requer se digne Vossa Excelência mandar que sejam aprovados e inscritos nos Anais da Casa os mais efusivos votos de congratulação ao Pe. Pedro Celestino, pela volta do mesmo à cidade de Silvânia – GO.

Pe. Pedro Celestino, humilde, simples, bondoso e querido de todos os silvanienses, pela quarta vez, é o auxiliar do pároco da cidade. Seu trabalho pastoral já deixou marcas profundas e indeléveis na população, (...). Assim, em sua vida dedicada a Deus e a ser Pastor de Almas, só tem praticado o bem por onde tem passado, especialmente em Silvânia onde tem a admiração, o reconhecimento e o carinho de todo o povo.

Desta forma presta homenagem através da Assembleia Legislativa em nome de todo o povo Silvaniense, em sinal de agradecimento, requer ainda envio de cópia ao homenageado. SALA DAS SESSÕES, em 23 de março de 1999.

Pe. Pedro responde: (...). Não imaginam o quanto me agradou receber o ofício n.2.373 de vossa autoria, aprovado em sessão realizada pelo plenário desta Assembleia Legislativa, desejando-me os mais efusivos voto de congratulação pela minha quarta volta à cidade de Silvânia.

Li, várias vezes, esse ofício e, cada vez que eu o lia, me sentia pequeno, porque aumentava em mim o senso de responsabilidade perante tudo aquilo que se falou a respeito de minha pessoa. Agradeço-lhe, (...) Que o bom Deus derrame copiosas bênçãos sobre esta Casa de Leis, agora e sempre. Atenciosamente, Pe. Pedro Celestino.

Pela mesma época, recebeu das autoridades de Silvânia, título de Cidadão Honorário Silvanense, pelo seu denodado trabalho em prol da Igreja e em prol das crianças pobres da região, trabalhando com afinho e dedicação nos oratórios.

Num cartão que lhe foi enviado, alguém citou uma passagem do livro Imitação de Cristo, que lhe é aplicada com todo sentido: "Tem o ser humano duas asas, com que se eleva acima das coisas terrenas: a simplicidade e a pureza. A simplicidade deve estar na intenção, e a pureza no afeto. A simplicidade busca a Deus; a pureza O abraça e nEle se compraz. Nenhuma boa obra te será empecilho, se interiormente estiveres livre de todo afeto desordenado".

Era exemplo de vivência religiosa e comunitária. Em diversas agendas, ele escrevia tudo o que fazia durante o dia, por meses e anos sem fim. Vão dois exemplos: 22 de março de 2000 – faz meditação pela manhã com a comunidade e reza a oração do tempo presente também com a comunidade. Após o café, amassa algumas latinhas de refrigerante; depois desce para a oficina do Sebastião. (...) Às 10 horas, atende a doente, na Rua Seis. Houve missa e atendimento de confissão, unção dos enfermos, bênção da casa e bênção de Nossa Senhora Auxiliadora. Nas anotações do dia 9 de abril de 2000 consta: Pe. Pedro atende o Oratório na parte da manhã. Leva para os meninos, além de pães e balas, uma boa quantidade de abacates com dois quilos de açúcar. (...) Hoje, estavam presentes cerca de 70 pessoas, entre maiores, jovens, adolescentes e crianças. Graças a Deus. Após o almoço, Pe. Pedro recolhe os abacates amassados e, de tarde, leva para o lago dos peixes.

ÚLTIMOS TEMPOS

Até 14 de abril deste ano, estava em Cachoeira do Campo e foi transferido para o Patronato, em Pará de Minas. Foi uma bênção para aquele ambiente pobre e educativo. Todos gostaram dele imediatamente. Caminhava muito. Dava umas escapadas, sempre no entorno, repentinas, precipitadas. Ao ser abordado para se saber o motivo das fugidinhas, respondia: "Estou desbravando, conhecendo a área... Que maravilha! É grande, né? Isso tudo é seu?"

Todos os educadores e os salesianos tinham de ficar de olho nele; sempre atentos para que nada de ruim lhe acontecesse. Às vezes, mesmo dentro de casa, ele se perdia. O primeiro quarto encontrado aberto, para ele já era o seu. Certa vez, ele sumiu dentro de casa, narra o Pe. Roberto. Era um final de semana. As portas trancadas para que ele não fugisse. Perguntávamos entre nós, salesianos e enfermeiros, onde está o Pe. Pedro? Chamamos por ele, entrando em todos os quartos. Gritamos algumas vezes, até que escutamos sua voz aveludada... "Oi, estou aqui". Mas nem imaginávamos que ele estava preso dentro do banheiro do quarto do Ir. Mário. Ele entrou, trancou a porta e não conseguia abri-la para sair. E o mais cômico é que o Ir. Mário estava no quarto e nem notou a entrada do Pe. Pedro. Estava datilografando algumas cartas, e sentado continuou datilografando, de forma intocável, como se nada estivesse acontecendo. Abrimos o banheiro e tiramos o Pe. Pedro, que estava aliviado e satisfeito da vida. E mais, ele nem se deu conta do ocorrido.

Em seus passeios matinais, já acompanhados por um dos enfermeiros, ele sempre se fazia presente no meio das crianças e adolescentes do Centro Juvenil São Domingos Sávio. Jogava um pouquinho de espiribol. Sentava-se com eles e ficava conversando. A gurizada se esbaldava.

Quando ele chegou à comunidade de Pará de Minas, já estava tomado pelo mal de Alzheimer, cruelmente anulando sua dignidade, matando-o pouco a pouco, sem rea-

ção, fazendo sofrer também as pessoas que o acompanhavam. É um mal cruel que desumaniza, que encaminha lentamente para a morte. Daí o cuidado que se deve ter. O acompanhante se torna a bengala, o sustento, uma câmera atenta e eficiente para penetrar seu mundo e acompanhá-lo constantemente, dando-lhe segurança.

Complicando ainda mais a situação, o diabetes e uma insuficiência cardíaca o martirizavam. Há uma máxima na medicina que diz que uma doença pode ser intratável, mas o paciente não. Tudo é cuidado e paciência e aguardar a próxima hora com suas surpresas.

No início de outubro, a perna direita de Pe. Pedro foi atacada por erisipela. As complicações aumentaram. A vermelhidão, a dor, o edema da região somaram-se num crescendo preocupante. A área doente ficou mais extensa e com febre. Pe. Pedro estava ficando cada vez mais prostrado. Não mais se alimentava bem. Os médicos aconselharam removê-lo para Belo Horizonte, onde poderia ser melhor atendido. Sob os cuidados da casa inspetorial, ele foi se tratando como podia, passando a maior parte do tempo no hospital.

Na sexta-feira, 12 de novembro, veio a falecer, no Hospital Unimed, aos oitenta e quatro anos e sete meses. Seu corpo foi trasladado para Furquim a pedido dos parentes e do pároco, Pe. Luiz Antônio Reis Costa. Seu corpo foi velado, à noite, na igreja do Bom Jesus, com a presença de muitas pessoas que ali foram para rezarem pelo seu descanso eterno.

No dia 13, sábado, às 9 horas, houve a missa das exéquias, presidida pelo Pe. Inspetor. O Pe. Luiz, pároco, fez a encomendação. Houve o toque de silêncio e o cortejo fúnebre teve seu início. Debaixo de uma leve garoa, ao som dos motetos fúnebres da Banda Musical Nossa Senhora da Conceição... Aquelas mesmas ladeiras que viram o menino, com seu boné e seu balaio de pão, cheio de vida, agora lhe dão o adeus, final. Foi enterrado na mesma sepultura de um dos párocos de Furquim, Pe. Francisco José Martins da Silva, em frente à capela.

Do céu, ele nos acompanhe nesta aventura divina da terra. E nós possamos tê-lo em nossos corações e mentes lembrando-nos sempre do seu jeito de ser e dizendo com o dedo indicador em riste: "Olhe aqui, rapaz! O negócio é muito sério. Não brinque não!"

SIMPLICIDADE, BONDADÉ, TRANSPARÊNCIA

As aparências enganam, é verdade e a essência se esconde atrás delas, invisível. Aqui, um pouco de desmistificação vai bem. Nem tudo o que reluz é ouro; nem tudo o que balança cai... Mas pode acontecer. Há muita gente que é e não parece ser. Há muita gente que não é e parece ser. Há muita gente que é e parece o que é. Pe. Pedro Celestino foi um homem de Deus. Parecia ser de Deus. E era de Deus, a começar pelo nome, lembra muito bem o Pe. Nilson. Pai celeste, que sois Deus – assim rezamos. Pedro Celestino, que és de Deus – assim o celebramos; assim o vimos. “Tua face é minha única pátria” (Santa Teresinha do Menino Jesus). “Meu coração está pronto, meu Deus, está pronto o meu coração! (Sl 56,8). Acreditando que ele é de Deus e está com Deus, nós agradecemos ao Pai este presente que deu à Congregação – um modelo de irmão que viveu plenamente o projeto evangélico das Constituições.

A ação do Espírito Santo se manifestou no Pe. Pedro como fonte permanente de graça, como apoio no seu esforço de crescer no perfeito amor de Deus e no amor dos irmãos. Pe. Pedro procurou viver em plenitude o projeto evangélico das Cons-

tuições. Com isto, foi modelo; é estímulo e ajuda no caminho da santificação dos irmãos. "O testemunho desta santidade, que se realiza na missão salesiana, revela o valor único das bem-aventuranças e é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens". (C 25).

Agradecemos ao Pai o chamado. Ele nos chamou pelo nome, um por um... Sírio, João Carlos, Daniel, Meireles... Celestino. Um por um! De todos os cantos do mundo, para sermos sinais e portadores do seu amor. Com profundo sentimento de gratidão, nós adoramos o Pai misericordioso porque o seu Paráclito, o Espírito Santo, nos acompanha com a graça da consagração, na vivência diária da totalidade do nosso dom; pelo Espírito, o Pai nos concede percorrer um caminho até a meta que nos propusemos. Caminho que nos conduz ao Amor. Pelos votos, o Pai faz desabrochar, em tantos consagrados, a novidade sublime da oblação, da ação salvadora, da liturgia da vida. Pe. Pedro Celestino viveu tudo isto de forma a nos servir de estímulo... Na simplicidade, na bondade, na transparência. Assim nos fala o Pe. Inspetor.

Trabalho e temperança são o binômio inteligente, sine qua non, do autêntico salesiano. Por este binômio, a Congregação florescerá. "... O salesiano entrega-se à sua missão com operosidade incansável, procurando fazer bem todas as coisas com simplicidade e medida. Sabe que com seu trabalho participa na ação criadora de Deus e coopera com Cristo na construção do Reino..." Pe. Pedro soube nos dar exemplo de vivência profunda desta verdade... Com simplicidade... Com medida!

Pedro, celeste hino!... "Vou cantar e tocar para vós: desperta, minh'alma, desperta! Despertem a harpa e a lira, eu irei acordar a aurora!" (Sl 56,9). Sua simplicidade e sua bondade cantam a glória de Deus. Entoam um hino angelical, melodioso, suave, que contorna uma figura cuidadosamente trabalhada pelo cinzel da pureza, da bondade, da transparência. O Natanael, debaixo da figueira, é o grande hino de louvor a Deus que ama a singeleza, os corações que lhe são próximos pela pequenez, pela confiança, pelo abandono absoluto, pela fé pura, nem sempre luminosa, às vezes escura.

COM CERA OU SEM CERA?

"O nome Pedro evoca a dura realidade terrestre porque significa pedra". "(...) Na pessoa do Pe. Pedro, víamos o que Jesus mesmo, um dia, viu e disse de Natanael".

Terminamos com S. Francisco de Sales. Ele nos convida a avançarmos pelos vales profundos das virtudes humildes. Diz ele que haveremos de encontrar rosas entre espinhos; a caridade que aparece claramente entre as aflições internas e externas; os lírios da pureza; os amores-perfeitos da mortificação. São palavras textuais do santo: "Particularmente desafiante para mim são as três pequenas virtudes da amabilidade de coração, pobreza de espírito e simplicidade de vida". O grifo é nosso. Leia-se aqui, no grifo: padre Pedro Celestino.

Ei-lo agora, o Pe. Pedro, na eternidade, como estímulo para os irmãos que ficam. Já brilhou para ele a estrela da manhã. Já se acendeu a lâmpada eterna que faz clarear o dia sem fim. A eternidade! Nada melhor ouvirmos mais uma vez nosso santo patrono: "Que outra coisa, então, me resta a não ser desejá-la? Isso me é assegurado pelo conhecimento da bondade infinita d'Aquele que não me teria criado uma alma capaz de pensar na eternidade e tender a ela, se não tivesse querido dar-me os meios para alcançá-la".

Recorro mais uma vez à expressão feliz do Pe. Inspetor, fazendo questão de grifar: "Ao partir de nossa convivência na terra, deixou-nos o esplendor da experiência celeste. Aprendemos dele que as coisas celestes e divinas são já degustadas em nosso dia a dia".

A pirataria no comércio de muitos produtos parece ser coisa moderna, mas não é assim. A etimologia foi descobrir, na Roma antiga, a origem da palavra sincera. Franco, autêntico, leal, genuíno, verdadeiro. Trata-se do seguinte: escultores desonestos escondiam suas imperfeições nas estátuas de mármore, usando cera. O comprador não percebia. Com o tempo, a cera acabava aparecendo e revelando a imperfeição. Tratava-se de um produto "cum cera". Os escultores honestos, precavidos, faziam questão de mostrar que suas estátuas não tinham cera que encobrisse alguma imperfeição. Era "sine cera", verdadeiras, autênticas. Não ponho em discussão aqui a fundamentação consistente deste fato ou a hipótese de mais um caso de etimologia popular. O que vale aí é a beleza da ideia. Natanael foi o verdadeiro israelita, sem falsidade, autêntico. Elogio saído da boca de Jesus. Tenho vontade de ir ao cartório e pedir que se introduza uma pequena modificação no nome do Pe. Pedro. Em vez de Pedro Celestino, que se registre Pedro Natanael Celestino.

A MEDIDA CERTA

A porta estreita pela qual deveremos passar requer que nos desfaçamos de tudo aquilo que pode nos inchar e impedir nossa passagem; muita plástica para eliminar adiposidades; muita lipoaspiração a fim de alcançarmos a medida certa. Pe. Pedro já tinha esta medida certa. Era fininho, magro. Por fora. Por dentro, era a medida exata da simplicidade, o que o dispensou de pedir licença. ... "Entra, xará, você não precisa pedir licença"... "Se não vos converterdes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus" (Mt 18,1-4).

*"Alarga a porta, Pai,
Porque não posso passar.
Fizeste-a para as crianças
E eu cresci a meu pesar.*

*Se não me alargas a porta
Diminui-me por piedade.
Volta-me para aquela idade
Em que viver era sonhar!"*

Miguel de Unamuno.

"Com alegria dai graças ao Pai, que vos tornou capazes de participar da luz, que é a herança dos santos" (Cl 1,12)

Agradecimento muito especial ao Pe. Roberto, Pe. Artur e Pe. Fernando Rodrigues, que colaboraram muito para a redação desta carta.

Pe. Lisboa

DEPOIMENTOS

Pe. Luiz Antônio Reis Costa- Administrador Paroquial de Furquim: Suas visitas não eram só cortesia. Sabia, no meio da conversa ou após um caso engraçado, introduzir habilmente algo sobre Deus. Incentivava a vida de oração e a participação na comunidade. Perguntava docemente: "E então, já fez a sua Páscoa esse ano?" Evangelizava na simplicidade do cotidiano.

Pe. Guilherme Artur Lacerda de Assis: Pouco convivi com o Pe. Pedro. Mas o suficiente para perceber que ele procurou viver o seu propósito de ordenação. Servir o máximo era o que ele fazia. Não tinha cansaço. Servir os seus paroquianos, o orato-

rianos e os educadores, a comunidade salesiana. A mim “a santidade e zelo apostólico” foi o que sempre demonstrou e gastou a sua vida para este fim. Na simplicidade e humildade e acreditando na graça de Deus. Soube com a graça de Deus superar todas as dificuldades. Não é à toa que para muitos de seus amigos, por lugares onde passou, o Pe. “Pedro Celestino é um santo”.

Hebe Valeriano Carneiro – Ministra da Comunhão em Furquim: Se formos copiar tudo o que ele deixou escrito, daria para se editar as MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS deste generoso, humilde, atencioso, acolhedor e santo sacerdote. Que Deus o tenha em sua glória.

Antônio Pinheiro Neto: O Pe. Pedro Celestino era de um carinho imenso para com os seus conterrâneos. Figura popularíssima. Cheio de afilhados, comadres e compadres por toda esta região. Sua devoção ao padroeiro de Furquim, o Bom Jesus do Monte, era notável.

Vanderlei do Carmo - Furquim: visitava todos: pobres e ricos, santos e pecadores, católicos e não católicos.

Marta Cristina Duarte - Enfermeira: Quando o vi pela primeira vez, não sabia de quem se tratava. A impressão que tive daquele senhor alto, foi a de uma pessoa tranquila, com bastante história para contar. (...) Eu passei a acompanhar o Pe. Pedro mais de perto. Eu fui privilegiada com esta escolha. Pude desfrutar de bons momentos na presença deste bom velhinho, que com a nossa convivência, passei a chamar carinhosamente de “Pepê” (Padre Pedro). E assim, com o passar do tempo, conheci toda a sua trajetória de vida: o seu trabalho árduo como padeiro, o esforço para se tornar padre, etc. (...) Foram momentos hilários! Cada um com uma história para contar. Não posso deixar de ressaltar o carinho de toda a equipe de enfermagem, que como eu, teve suas experiências profissionais transformadas pelo convívio com essa pessoa maravilhosa que deixou registradas, em nossos corações, com o seu exemplo de vida, as suas maiores virtudes: simplicidade, humildade e bondade. Com saudade me despeço, pedindo a sua bênção. Descanse em paz!

Pe. Artur Roscoe Daniel: Instado a escrever algumas linhas sobre este inestimável irmão de Congregação, eis que o faço com prazer. Na realidade, nunca trabalhamos juntos numa mesma comunidade, seja ela religiosa, seja ele paroquial. Mas, estudamos juntos, no Instituto Pio XI, onde, no meio dos estudos e do apostolado nos oratórios, nos preparamos para a Ordenação Sacerdotal. (...) Vou então, descrever, agora, alguma coisa que ouvi da boca de seus paroquianos que o amavam terna e fraternalmente. Sempre foi considerado irmão prestativo, piedoso, confortador, santo. Apresento alguns depoimentos que resumem o pensar e o sentir de todos – repito, todos – aqueles que o tiveram como pastor e guia, nas diversas paróquias por onde ele passou. Ouçamos:

“Pe. Pedro, o senhor é muito importante para todos nós; queremos que o senhor volte, volte, com toda sua saúde recuperada. Não se preocupe: aqui, na paróquia tudo está correndo bem, sem novidade. Que Deus e Nossa Senhora abençoem e fortaleçam na força do Espírito Santo, pois suas ovelhas o esperam com muito carinho e amor”.

(Paróquia - 17.5.1997)

“Pe. Pedro, sempre nos recordamos, com carinho, do seu trabalho entre nós; das missas no meio rural, dos oratórios, da opção pelos pobres, do seu jeitinho humilde no meio da criançada e da sua fé, principalmente em N. Sra. Auxiliadora. Meu filho que, há 30 anos, sofria de sapinho na boca, e recebeu, através de suas mãos, a bên-

ção de N. Sra. Auxiliadora, hoje está curado. Eu, desde aquela época, descobri sua santidade!!! Como salesiano (...) será uma pessoa muito querida e especial!"

(Kátia Brenner – Silvânia, 15.10.2007).

"Pe. Pedro, hoje nós o recebemos de braços abertos em nossa comunidade... que deve muito ao senhor... Queremos, sim, o senhor aqui, mais do que nunca, pois sabemos que somente uma pessoa tão compreensiva e sabedora das dificuldades de nossas comunidades pode bem desenvolver este trabalho de evangelização do povo. "Comunidades de Base" como sobreviveram com a ausência deste homem que para o serviço de Deus esteve fora, por estes dois anos! ...que formou a maioria que frequenta a comunidade; que trabalha em comunhão com a paróquia. Padre, seja bem-vindo a esta comunidade. Estamos aqui dispostos a ajudá-lo, (...). Pedimos a Deus e a Maria Santíssima as bênçãos para que o senhor possa realizar tudo o que lhe foi incumbido de fazer".

(Comunidade N. Sra. Da Medalha Milagrosa – 5.4.1997).

"Ter sua amizade é um presente maravilhoso, é sentir que a vida nos oferece a possibilidade de dividir, de crescer e de aprender a cada dia como ser melhor. Nesta festa lembrei-me de você com especial carinho e desejo que seus sonhos se tornem realidade. Espero continuar conservando este presente maravilhoso que é sua amizade".

(Auxiliadora, 20.12.2002).

"Em nome da comunidade cristã de Corumbaíba (...). Sua chegada é ação de graças, é a esperança que nos anima. É a necessidade de nos tornar comunidade, que agora pode realizar experimentar e escolher. Mas força para realizar vem de você, na constância de sua presença e estímulo. (...) Cumprimentamos a todos os padres e irmãs de nossa diocese pela tarefa extraordinária que se empenham em desenvolver, trabalhando a massa informe das almas e executando a mais difícil, a mais incompreendida e mais importante tarefa. Mais difícil, porque fazer mais e mais ser-lhe-á imperativo constante. Mas incompreendida, porque todos aqueles que querem viver no Cristo Jesus continuarão a sofrer perseguição. Mas importante porque nem todos sabem da importância de uma vida além do túmulo. Queremos dizer-lhe que é motivo de grande satisfação dispor dos enviados de Deus no trabalho do encaminhamento para o Reino de Deus".

(Paroquianos de Corumbaíba).

"O sentimento que hoje vivemos é um misto de tristeza e de alegria. (...) Sua pessoa se faz presente aqui na comunidade do Rosário. Você é história viva para nós: pessoa amiga, carinhosa e sempre risonha, a serviço do povo de Deus. Agradecer é tudo e simplesmente o que podemos fazer, pois a recompensa só Deus a fará. Obrigado, Padre Pedro, pelo ontem, por hoje; e saiba sempre que somos eternamente gratos a Deus por sua pessoa. E a você, nossa ternura e eterna gratidão".

(Comunidade do Rosário, Silvânia – 4.2.2006).

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Pe. CELESTINO, Pedro.

* 2 de maio de 1926, Furquim - MG.

+ 12 de novembro de 2010 - Belo Horizonte - MG.

Primeira profissão religiosa: 31 de janeiro de 1951.

Ordenação presbiteral: 8 de dezembro de 1960.



SALESIANOS

INSPECTORIA SÃO JOÃO BOSCO

Av. Trinta e Um de Março, 435 – Dom Cabral
CEP 30535-000 – Belo Horizonte – MG
Fone: (31) 2103-1200 – Fax: (31) 2103-1201
isjb@salesiano.br – www.salesianos.br